



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DÉ SANTA
≡ RITA ≡



UMA BELA LIÇÃO

POR TOUTINEGRA
Desenhos de Castané

EM tudo o que dizia o Manoel José (Manézé como o tratavam) havia de fantasiar, aumentar em resumo. Não estava bem sem pregar a sua mentirinha em que rebaixava os outros e se enaltecia. Quando chegava a casa contava o que se passara na escola mas sempre aumentando as maldades e castigos dos condiscipulos e escondendo, ou atribuindo a outros, as que lhe diziam respeito.

Seus pais ás vezes perguntavam-lhe: E tu, meu filho, nunca és castigado?! Ele encaçava e respondia:— ás vezes oiço ralar, por causa dos pú-tros... Nunca estão quietos!... Mas um dia, o correio trouxe aos pais do «Senhor Manézé» uma carta em que o professor, não podendo mais, sequeixava ásperamente dele. Os pais caíram das nuvens e viram, então, quanto mentiroso era o filho que eles adoravam e resolveram, para bem dele, dar-lhe uma soberba lição que o corrigisse de tão terrível defeito.

Começaram fazendo planos e quando Manézé chegou da escola, depois de contar o que lá se havia passado, tendo, como de costume, mentido vergonhosamente, ouviu seu pai dizer: — Meu filho, em vista de seres tão bom e tão bem

comportado, amanhã quinta-feira, vamos dar um passeio. Manézé ficou radiante.

Ao outro dia, de manhã, saíram, dirigindo-se a uma gran-



de loja de brinquedos onde os pais lhe deram auctorição para escolher três dos que mais lhe agradassem. Manézé escolheu uma bola grande, uma espingardinha e um lindo tricicle; as três coisas que há muito tempo desejava. O pai, de seguida, em voz tão baixa que o filho não conseguiu ouvir, deu ao dono do estabelecimento a direcção para onde queria que lhe enviassem os embrulhos. Seguiram; Manézé ia radiante, nem sequer reparava que iam na direcção do seu colégio, do qual já se avistavam as paredes. Ao chegarem junto do gradeamento foi quando ele reparou, ficando muito admirado por ver a brincar no jardim, onde passavam a hora de recreio, todos os seus condiscipulos. O pai tocou a campainha, vindo o próprio professor abrir a porta. Cum pri men ta ram - se e, se guindo todos três para dentro do edificio escolar, ordenaram a Manézé que ficasse a brincar com os outros meninos. Estes rodaram-no; mas ele, abs-

(Continua na página 2)

A sabedoria do Bèbé

POR MARGARIDA DO MONTE
DESENHOS DE A. CASTANE

A' MINHA AMIGUINHA L. D. SOARES

UM certo papá
de certo Bèbé,
vai já
a caminho
da praia de Espinho...

Foi curar um pé
com águas de lá.

Levára a Mãezinha
e a mana mais nova:
— a Mariazinha...

Bèbé, coitadinho,

bem quizera ir...
Valeu-lhe uma sova!
Pois como cumprir
dever de estudante?!...

Bèbé já soletra
numa voz cantante.
E, orgulhando os pais,
conhece já mais
que uma letra.

Teve que ficar
com tia Milau.

Por tanto chorar
chamavam-lhe mau.

Mas, nisto, chegou
certo telegrama
de Espinho,
e à ama
Bèbé o mostrou.

Como ela o não lesse,
porque não soubesse...
o seu criadinho
pretinho
chamou,

Mirou-o,
virou-o,
sem compreender.
Mal sabia ler!

E, então, intrigado,
pregunta ao criado:
— «Menelim, porque é
que o Papá escreveu
a lápis tudo isto?»

— «Eu não saber ler,
coitado, ser eu
um preto de Cristo,
e não entender!»

Bèbé
bate o pé;
fica insatisfeito,

No cérebro pinta
soluções diversas.

Porém, de repente,
vai muito contente,
gritando,
alarmando,





UMA ALMA DO OUTRO MUNDO

Por MARIA AMELIA RODRIGUES

Desenhos de CASTANE



A anos quando eu era pequena, como os meninos que vão ler esta história, fiquei com os meus irmãos José e Gabriel, internados num colégio porque os meus pais foram fazer uma viagem.

As férias grandes passámo-las em casa de meus padrinhos. Como era bom viver na praia! Parecia que, por estar pertinho do mar, tinha menos saudades da minha mãe!

A nossa casa ficava debruçada sobre as ondas. Grande, muito grande, fazia esquina, era pintada de amarelo e tinha doze janelas e duas portas sobre um terraço enorme.

Nas trazeiras havia um grande pátio empedrado para

onde deitava a cozinha e quatro janelas de um corredor.

Eu dormia no quarto das três filhas dos meus padrinhos — Maria Augusta, Mariana e Maria Eugénia — e o José e o Gabriel dormiam com o Luís numa cama enorme, tão larga e tão alta, como os meninos talvez nunca viram nenhuma. Era um móvel antiquíssimo que o meu padrinho herdara dos pais. Eles faziam sempre ginástica para se deitarem, mas depois de estarem lá em cima, punham-se a fazer surriada e a dizerem para mim e para a Maria Augusta: — Isto é que é bom! Vocês não têm uma cama tão boazinha como a nossa!

(Conclue na página 6)

cortando
conversas,
pela casa fora...

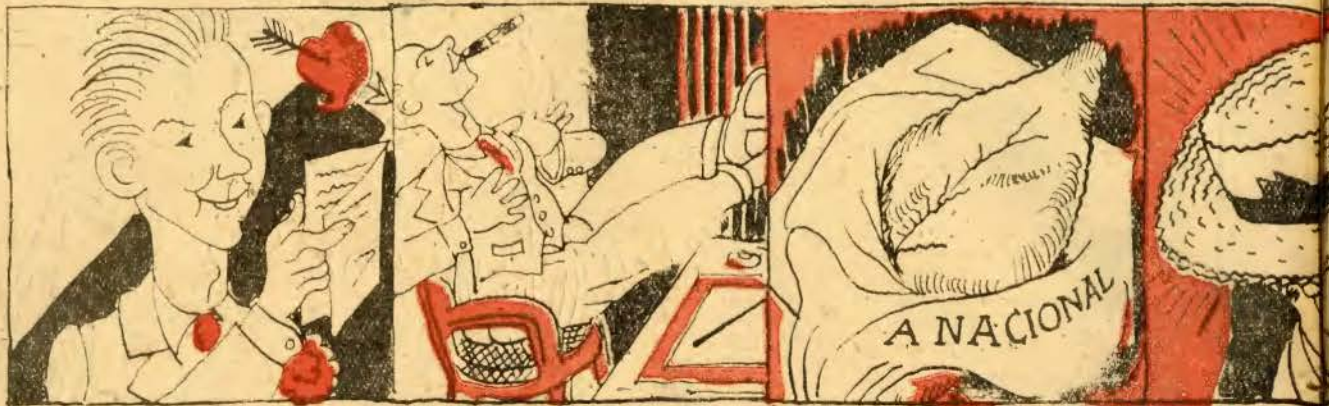
E agora,
que em nada repara,
já na mesa esbarra;
e ao ver o pretinho,

do assunto esquecido,
eis para,
o agarra,
e exclama: — bratinho,
achei,
encontrei;
eis já decifrada
a grande charada!

Contempla-o, pasmado,
o pobre criado
de face retinta,

— «Agora já seil...
E' que o Papá,
lá,
não tinha já tinta!»

DESASTROSO FIM DUM CH



Emílio Brás de Vilhena,
Oriundo lá das Ilhas,
Namorava uma pequena
Nos subúrbios de Cacilhas.

Em Lisboa era empregado
Num lugar bastante honroso,
Em repartição do Estado
Com ordenado rendoso.

Sendo um rapaz elegante,
No trajar não era péco,
Com aparência bastante
Dum perfeito «papo-séco».

Imitando a finta
Conservara se
É no v'ráo, pe
Usava chapéu h



No jericó ja montado
Vai seguindo pela estrada,
Sabendo que era esperado
Pela sua *bem-amada*.

Junto ao muro baixinho
Que circundava um jardim,
Sua bela olha o caminho
E vê-o chegar enfim.

Nêste sitio recamado
De flôres em seus canteiros,
Ela acolhe o namorado
Sôb a copa dos ulmeiros.

E depois do pr
Com ternura m
Ele prende o j
Assim do muer



O burro que vê patente
Tal merenda assim de luxo,
Ao palhinha deita o dente
E em breve o mete no bucho.

Nisto Emílio, ao retirar,
Seu chapéu procura em vão,
Não conseguindo atinar
Da sua falta a razão.

Nota, entanto com pavôr,
Que do palhinha catita,
Só lhe resta, por favôr,
Unicamente uma fita.

Tendo, entã
Sem chapéu
Resolve ass
Comprar ou

APEU PALHINHA, por LAZALE



da
e a linha,
er a moda,
hinha.



Aos domingos era certo
Ir falar à namorada,
A-pesar-de não ser perto,
Não o enfadava a jornada.



Em certa manhã d'Agosto,
Bem taful se preparou,
E desta forma bem pôsto
P'ra Cacilhas embarcou.



Ja entao do outro lado,
Sendo longo inda o caminho,
P'ra não chegar fatigado
Vai alugar um burrinho;



orimento
m carinho,
jumento,
ertinho.



Mas um pouco molestado
P'lo palhinha, um tanto duro,
Tira-o e põe-no de lado,
Ao acaso sôbre o muro.



Com juras de amôr, o Emilio,
Misturando a sua pêta,
Entrega-se ao terno idílio
Qual Romeu e Julieta.



Assim tão embevecido,
Todo entregue aos madrigais,
Desta forma distraído,
Seu chapéu não lembra mais.



retirar,
apital,
chegar,
smo igual.



Vendo o comercio tecnado,
Sem haver quem o forneça,
Entra em casa arreliado,
E sem tampa na cabeça.



Meninos, tomai sentido
No caso aqui historiado:
«Quem assim fôr distraído
Não colhe bom resultado!»

UMA ALMA DO OUTRO MUNDO — (Continuado da página 3)

De manhã, muito cedo, tomávamos banho e, depois de comermos qualquer coisa, andávamos a apanhar lapas e conchas lindas, muito lindas... Às vezes íamos comer camarinhãs.

À hora do sol, sentávamo-nos todos à sombra e o José, que era o mais velho, contava-nos histórias. Uma vez ele perguntou:

—Vocês sabem o que é uma alma do outro mundo?

—Não; não sabemos...

—E o José, fazendo uma cara muito exqu coasta, abriu muito os olhos e disse com uma voz muito grossa.

—É um fantasma!

—Fantasma? — perguntámos ao mesmo tempo a Maria Augusta e eu.

—Sim; vocês também não percebem nada. Fantasma é uma coisa qualquer, branca, muito alta, muito magra, que aparece de noite e que pode bater na gente e que geme algumas vezes. Eu e a Maria Augusta ficámos quasi na mesma, mas, para o José não se zangar connosco, perguntámos só isto:

—E há fantasmas?

—Há sim; aparecem de noite.

—Que medo!

—Qual medo nem meio medo. As menininhas têm medo de tudo. Eu não tenho, sou já um homem.

Os dias iam-se passando sempre numa grande alegria quando uma tarde se recebeu um telegrama do director do colégio a mandar dizer para o José ir para Lisboa, porque, como tinha ficado esperado em desenho no exame do 3.º ano dos liceus, precisava de começar a preparar-se para a época de Outubro.

Só o José é que tinha de partir mas, para ele não ficar muito triste, o Gabriel e o Luís iriam também para o colégio.

Contudo só podiam sair de casa à meia noite. Tomariam a diligência que os levava à estação de Torres Vedras, onde apanhariam o comboio da 1 hora e meia

—Não te rales. Daqui a quinze dias vais para o colégio também.

—Mas é que eu tenho pena de ti!

—Deixa lá. Daqui a quinze dias vemo-nos outra vez. Eu estava inconsolável.

Anoiteceu. O meu padrinho foi para o Casino. A ma-



da madrugada. O velho criado Gregório é que os acompanhava.

O jantar foi triste.

Eu estava com muitas lágrimas nos olhos, por me ir separar dos meus irmãos. O Gabriel não fazia outra coisa senão dizer-me:

drinha, a Maria Eugénia, a Mariana e outras senhoras, andavam a passear.

Em casa o Luís, o José, o Gabriel, a Maria Augusta, eu, a cozinheira e as duas criadas de fóra.

O Luís foi-se deitar para cima da cama; como não poderia dormir o resto da noite, queria aproveitar o sono.

O José, já pronto para a partida, andava a passear na casa, de um lado para o outro, a dizer o que seria quando tivesse bigodes como o pa' e o meu padrinho...

A Maria Augusta estava a brincar com as criadas e eu, muito triste, sentada ao lado do meu outro irmão. Às 11 horas, talvez, ouvimos qualquer coisa que nos pareceu um gemido.

O José, a Maria Augusta e as criadas calaram-se.

Outro gemido ainda.

—Vai ver, José, vai lá! — arrisquei timidamente.

—Eu? Vai lá tu se quizeres!...

—Mas tu disseste que eras ~~um~~...

—Pois sim; isso foi no outro dia...

Mas os gemidos continuavam, agora a intervalos iguais... Queríamos ficar mais tempo ali mas não pudemos. Fugimos todos para o pátio e, depois, para a rua.

O José foi a correr ao Casino avisar o meu padrinho. E como fizéssemos grande alarido á porta da casa, começou a juntar-se muita gente.

—Padrinho! Há fantasmas a gemer dentro de casa!

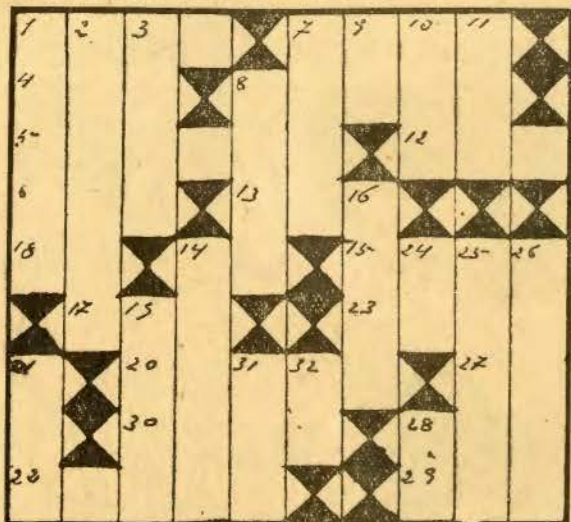
—Qual fantasma!

E o meu padrinho entrou de revólver em punho. Mas, quasi imediatamente, ouvimos que ele ria a bom rir, ás gargalhadas mesmo.

—Patetas, mil vezes patetas! Não há almas do outro mundo. Se entrei de revólver na mão foi por julgar que estivesse algum gatuno cá em casa, mas o tal fantasma que vocês dizem que está a gemer é o Luís a ressonar a bom ressonar!...

E ficámos tão envergonhados com a troça que fizéram de nós, que nunca mais acreditámos em histórias de almas do outro mundo.

PALAVRAS CRUZADAS ANEDOTAS



HORIZONTAIS: — 1, Lugar de reunião; 4, 3 letras de «Neiva»; 5, chefe de tribo; 6, corrente de água; 8, cidade portuguesa; 7, malquerença; 12, nas aves; 13, 3 letras de sono; 14, artigo; 15, um cacho; 17, no mar; 18, 2 vogais iguais; 20, animal; 22, mulher de cabelo claro; 23, escar necera; 27 indispensável; 28, reza; 29, ruim; 30, Deus dos ventos.

VERTICAIS: — 1, acidente da crosta terrestre; 2, fugiu com o pai às costas; 3, inforno; 7, das aves; 9, nota musical; 10, zanga; 3 letras de «aziago»; 14, gorduras; 16, mineral; 19, animais; 21, contrario de impar; 24, reparei; 25, ave brasileira; 26, reunião; 28, vogal e consoante; 31, fileira; 32, piedade.

José Fernandes d'Oliveira

Um viajante, ao atravessar uma mata, é atacado por um malfeitor que lhe aponta uma pistola, dizendo com voz de trovão:

— Se te mexes és um homem morto!

E o viajante respondeu:

— Peco perdão. Se me mexo é a prova de que estou vivo, por conseguinte está dizendo um absurdo. E' preciso de futuro, ter mais em atenção a maneira de se expressar.

■■■

A senhora — Quando dér banho ao Bêbé será bom servir-se do termómetro para preparar a água.

A ama — Não é preciso, minha senhora. Se a água estiver muito quente, o Bêbé fica roxo, se estiver muito fria torna-se-há azulado.

Como a senhora vê, é muito simples...

■■■

— Olha, menino. Se dizes mentiras, vem de noite um demónio que te levará.

— E a si também?

— Porquê?

— Porque isso do demónio também é mentira...

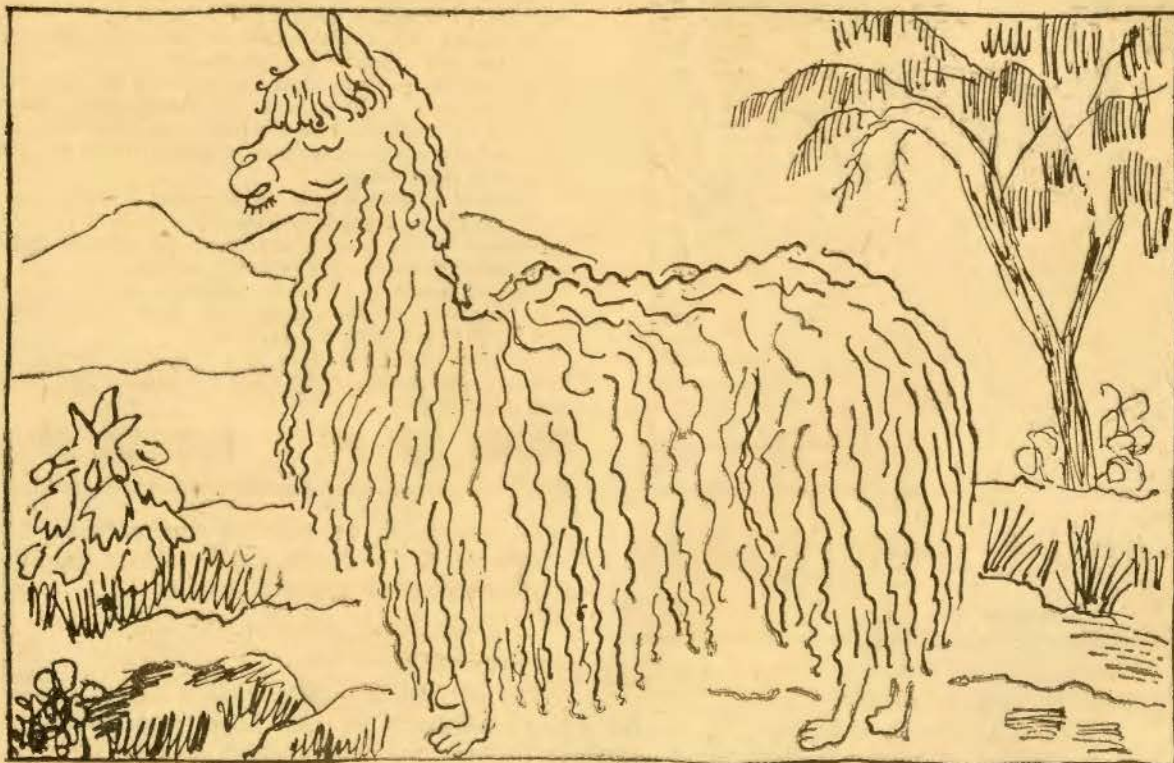
■■■

Num parque. Um sujeito chega-se ao pé de um guarda e pergunta:

— Diz-me, se faz favor, a que família pertence esta planta?

— A nenhuma, meu caro senhor. Estes parques são do Estado.

PARA OS MENINOS COLORIREM



A ALPACA — (AUCHENIA PACO)

Uma bela lição — (Continuação da página 1)

tracto, nem os via. Dava-lhe que pensar aquela visita ao seu professor... Teria êle feito alguma? Mas recordou-se dos brinquedos e todo o receio se desvaneceu. Se tal tivesse sucedido não lhos comprariam.

Os outros faziam-lhe perguntas sobre perguntas a respeito daquela ida à escola, a uma quinta-feira, dia em que êles tanto gostavam de brincar. Ele não soubera nada; não sabia mesmo se também o tinham convidado e, mudando de conversa, começou a descrever os brinquedos que lhe haviam dado naquele dia e que, conforme o seu costume, já eram, além da bola, espingarda e tricicle, um tambôr e um automóvel de corda... Os outros estavam maravilhados, não se cansando de fazerem perguntas acerca dos mencionados brinquedos, e às quais Manézé respondia exagerando sempre.

A conversa foi interrompida pelo som da tradicional campainha que os chamava ao trabalho. Formaram-se e entraram na aula silenciosamente. Manézé fez um pouco contrafeito mas, dando com os olhos na secretária e vendo lá os brinquedos que há pouco comprara, empalideceu. O professor, erguendo-se, disse: — Meus queridos alunos! — mandei-os chamar, hoje, porque ontem tive uma informação telefónica de que vinham à minha escola premiar o aluno que mais se distinguiu em aplicação e comportamento. Quem dá os prémios, que estão em cima da secretária, são estes Senhores, pais do aluno Manoel José dos Santos. O prémio era só para um, mas, com a auctorisação destes senhores, resolvi dá-los a três, por serem três brinquedos,



Distribuo-os pois, com muita justiça, pelos seguintes: A tricicle para o Rui Luis, a espingarda para o Carlos Eduardo e a bola para o Mário Jorge.

Faço votos para que continuem merecendo a minha estima e que os outros meninos os imitem.

Aproveito a ocasião para dizer, com bastante mágoa minha, por desgostar êstes senhores, que o seu filho, apesar de estudar, é muito mal comportado.

Todas as atenções se fixaram no Manézé que a custo reprimia as lágrimas. Os condiscipulos, então, cheios de pena, diziam-lhe, carinhosamente: Deixa lá, não chores, inda ficas com o tambôr e o automóvel...

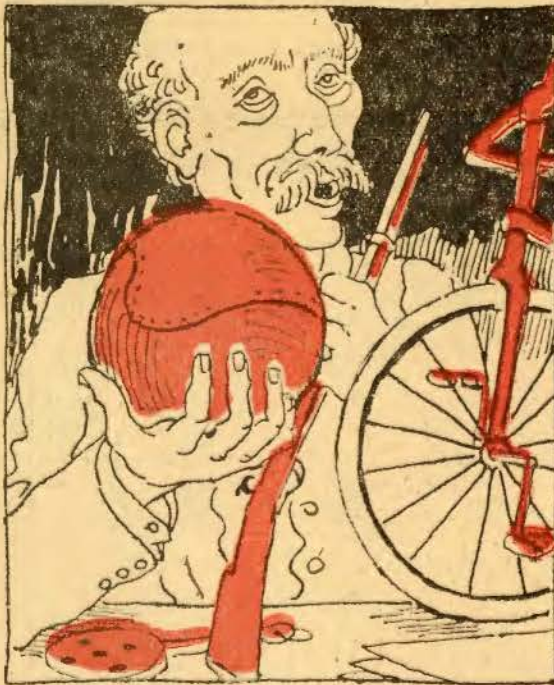
Ele, então, ouvindo mais uma mentira sua, começou a chorar, dizendo: — E' mentira: eu só tinha êsses brinquedos. Sou um mentiroso! Se não tivesse mentido, nada disto me sucederia, pois os meus pais julgavam que eu era o aluno melhor d'êste colégio.

Todos se calaram e o pai, então, disse: — Meu filho: — E' grande o desgosto que hoje nos dêste mas tudo te perdoamos se nunca mais mentires e em breve te daremos brinquedos iguais aos que perdeste por mentires.

Despediram-se e partiram, voltando para casa onde o filho lhes rediu perdão e onde foi perdoado porque é imensa a bondade e o amor dos pais.

Escusado será dizer-lhes que o Manézé nunca mais mentiu: nem no dia 1.º de Abril por brincadeira!... Foi uma soberba lição.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■



CORRESPONDENCIA

Arnaldo Alcides Lucas — Será publicado com os respectivos desenhos de Arcindo.

Maria D. Cristiano — «Um Sonho» será publicado na primeira oportunidade. Pedimos retrato para a Galeria de Honra.

Gil Ferreira — O seu conto enfileirou no número dos que estão «à bica». Pode mandar foto.

Gilberto Bravo — As palavras «jovem» e «don-

zela» pertencem ao ciclo do Romantismo. A tua «Torre de Nesle» cheira a bafio. Toma um banho de modernismo e aparece lavado.

Manuel Alves Guerra — O teu continho será publicado brevemente.

F. de Matos e Silva — O sr. Santa-Rita pede muita desculpa de não haver respondido ainda, particularmente, às perguntas que, repetidas vezes, lhe tem feito. Tanto aprecia a sua colaboração e os progressos que tem revelado que me encarrega de lhe pedir o favor de enviar um retrato seu, a-fim-de figurar na Galeria de Honra.